

LITERATURA BRASILEIRA CONFESSIONAL: UMA LEITURA DE MEMÓRIAS MARGINAIS

Elzira Divina PERPÉTUA
Universidade Federal de Ouro Preto
elzira@ichs.ufop.br

Resumo: A partir do conceito de “literatura menor”, cunhado por Deleuze e Guattari como contraponto à idéia de uma língua de autoridade em sua relação com a literatura, propomos algumas questões acerca das relações entre as escritas do eu e o cânone, na produção da literatura confessional produzida no Brasil nas últimas décadas do século XX. Se, por um lado, as obras de cunho autobiográfico são consideradas por parte da crítica como periféricas em relação ao cânone literário, por outro, sabe-se que o pertencimento da escrita pessoal ao campo do literário passa mais pelo reconhecimento prévio do nome do autor do que pelo estatuto do gênero, como se constata, por exemplo, na recepção às *Memórias* de Pedro Nava ou a *Boitempo* de Drummond. Expusemos algumas reflexões acerca dessas questões, apresentando algumas questões sobre a chamada literatura das minorias, tomando como base três publicações autobiográficas de mulheres brasileiras dos anos 1980 e, como referencial teórico, o conceito de literatura menor e suas três características apontadas por Deleuze e Guattari: a desterritorialização da língua, a ramificação política e o valor coletivo.

Palavras-chave: escritas do eu; autobiografia; diário; memória; literatura menor.

Em *Kafka: por uma literatura menor*, Deleuze e Guattari, ao utilizarem a expressão “literatura menor” como provocação à idéia suscitada pelo adjetivo, promovem um impacto ao desenvolver o conceito dado ao termo. Os críticos franceses contrapõem-se à língua de autoridade com que a literatura é canonizada, a partir do estatuto oferecido pela obra de Kafka – judeu checo numa terra ocupada pelos alemães: “Uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior”.¹ Refletindo sobre o conceito de literatura menor e sobre o valor das chamadas “altas literaturas”, tal como Leyla Perrone-Moisés defende o último termo em obra homônima, trazemos como contribuição algumas questões acerca das relações entre as escritas do eu² e o cânone na produção literária brasileira. É ponto pacífico que as obras de cunho autobiográfico enfrentam barreiras para serem distinguidas como um fazer literário, esbarrando, aprioristicamente, na questão do gênero, por críticos que as consideram fora do campo do literário. Contudo, em grande parte, verifica-se que a consideração sobre o pertencimento da escrita pessoal à área da literatura passa antes pelo reconhecimento prévio do nome do autor do que pelo estatuto do gênero, como se vê, por exemplo, na recepção às *Memórias* de Pedro Nava ou a *Boitempo* de Drummond. Nesta proposta de um debate acerca dessas questões, apresentamos algumas reflexões sobre a chamada literatura das minorias, tomando como base três publicações autobiográficas de mulheres brasileiras, tendo como apoio o conceito de literatura menor e suas três características apontadas por Deleuze e Guattari – a desterritorialização da língua, a ramificação política e o valor coletivo.

Trata-se de três narrativas de cunho memorialístico: *Ai de Vós!*: diário de uma doméstica, de Francisca Souza da Silva; *Diário de Bitita*, de Carolina Maria de Jesus; e *Cícera, um Destino de Mulher*: autobiografia duma imigrante nordestina, operária têxtil, de

¹ DELEUZE, GUATTARI. O que é uma literatura menor?, p.25.

² Para esta abordagem, tomamos como expressões sinônimas a “escritas do eu” os termos “autobiografia”, “memória”, “diário”, em seu aspecto semântico geral, de escrita sobre a vida de um indivíduo, feita por ele próprio. As distinções serão feitas, se necessárias, na abordagem específica de cada produção.

Cícera Fernandes de Oliveira e Danda Prado. Nossa proposta é estudar o sujeito da narrativa em detrimento da valorização das autoras como representantes de uma classe social e analisar de que forma essas três obras subvertem as noções instituídas do gênero memorialístico.

Cícera, um destino de mulher: autobiografia duma imigrante nordestina, operária têxtil foi publicado em 1981, sob a dupla autoria de Cícera Fernandes de Oliveira e Danda Prado, como resultado de uma série de entrevistas registradas em gravador, concedidas pela primeira a um grupo de militantes feministas, entre as quais se encontrava a segunda autora, que compilou as entrevistas em texto escrito. A série de entrevistas teve como motivo inicial a publicidade em torno do estupro cometida contra a filha de Cícera pelo padrasto, e a gravidez da menina, então com 11 anos de idade.

A escrita de *Ai de vós!: diário de uma doméstica*, publicado em 1983, nasceu de conversas entre a Francisca de Souza da Silva e Ivna Duvivier, dona da casa onde a autora trabalhava. Impressionada com a história de vida da empregada, Ivna dá-lhe caneta e papel, incentivando-a a escrever. Mais tarde, envia os manuscritos a Lúcio Costa e a Pedro Nava, que legitimam a história de Francisca nas páginas do prefácio da edição.

Já a história da infância e juventude de Carolina Maria de Jesus trazida nas páginas de seu *Diário de Bitita* chegou às livrarias brasileiras em 1986, quatro anos depois de ter sido publicada na França e nove anos após a morte da autora. Seus manuscritos teriam sido entregues por Carolina a um grupo de jornalistas franceses que vieram entrevistá-la, anos após o sucesso de *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, seu primeiro livro publicado, que a tornou conhecida em todo o mundo.

Feito esse sumário, tomemos as palavras do ensaio “A vida dos homens infames”, no qual Foucault se dedica a refletir sobre o acervo de pequenas descrições encontrado em cadeias públicas do século XVIII acerca dos prisioneiros e seus delitos:

Isto não é uma obra de história. O acervo que aqui encontraremos não obedeceu à regra mais importante que o meu gosto, o meu prazer, uma emoção, o riso, a surpresa, um certo assombro ou outro sentimento qualquer, cuja intensidade talvez me fosse difícil justificar, agora que é passado o primeiro momento de descoberta. É uma antologia de existências. Vidas de algumas linhas ou de algumas páginas, desditas e aventuras sem número, recolhidas numa mão-cheia de palavras.³

A analogia entre nossas reflexões a respeito das três autoras e as do pensador francês ocorrem sobretudo pela marginalidade em comum que cerca as vidas escritas dessas mulheres – também *infames*, no sentido etimológico que é atribuído ao termo por Foucault, “sem fama” –, não só pelas atribuições que expõem, mas pela forma como elas registram suas histórias e se inscrevem na instituição literária por meio da exposição de suas memórias.

Em cerca de cem publicações autobiográficas de mulheres brasileiras computadas até a década de 1990, a maioria possui características que vinculam esse fazer literário ao trabalho que desempenham.⁴ Pertencem essas autoras aos mais diversos estratos da sociedade: são professoras, jornalistas, escritoras, atrizes. Suas escritas narram o modo como elas se inscrevem em seu espaço social. Entre essas há, também, algumas que não se enquadram em nenhuma profissão reconhecida socialmente no mercado de trabalho. São as donas-de-casa, cuja escrita tem em comum muito mais o universo do outro que os delas próprias, já que vinculam seu sucesso à preservação do bem-estar do marido e dos filhos.

³ FOUCAULT. A vida dos homens infames, p.89.

⁴ Os dados relativos a autobiografias de mulheres brasileiras foram retirados de VIANA. *Do sótão à vitrine: memórias de mulheres*.

Há, ainda, um outro tipo singular de publicação que se vincula em parte aos afazeres domésticos e que também não traz em si, aparentemente, nada de espetacular que pudesse merecer publicação, a não ser a situação de miséria generalizada que constitui a matéria do relato. Trata-se dos livros mencionados acima. Do nada social a que se vê reduzida cada uma de suas autoras emerge, ao final dos relatos, um novo discurso, proporcionado pela própria escrita, como veremos.

No Brasil, à exceção de Carolina de Jesus, que se tornara conhecida nacional e internacionalmente, no início dos anos 1960, por seu *Quarto de Despejo*, a memorialística de indivíduos dos estratos mais desprestigiados da sociedade começa a aparecer na década de 1980. Como observa Lejeune em relação ao Ocidente, "escrever e publicar o relato de sua própria vida tem sido há muito tempo, e ainda é hoje, numa acepção ampla, um privilégio reservado aos membros das classes dominantes. O 'silêncio' dos outros parece muito natural: a autobiografia não faz parte da cultura dos pobres." ⁵

Os relatos autobiográficos de Carolina, Francisca e Cícera representam mais que a voz coletiva de classes ancestralmente oprimidas. Sob a dupla condição de opressão – ser pobre e ser mulher – elas tentam firmar-se como sujeito de si mesmas, na medida em que procuram se orientar em meio a injustiças sociais de toda ordem, tornando visível esse processo em sua escrita.

Resguardadas as peculiaridades de cada uma, é visível o modo distinto pelo qual cada uma dessas autoras escreve sobre o seu não lugar, ou sobre o seu fora de lugar, seu estado de desterritorialização, enfim, e procura se constituir como sujeito histórico, ou seja, encontrar o seu lugar, reterritorializar-se, por meio do texto. Para tanto, elas reiteram na linguagem aspectos de sua vida que possam funcionar como marcas da individualidade, ainda que sejam marcas provocadas pela fome, pelo abandono, pela injustiça e, sobretudo, pelo silêncio, que parecia “muito natural”, até que seus relatos fossem publicados. Uma leitura cotejada permite ver de que modo cada autora, ao promover a exposição de um vazio social, descobre no ato da “escrita de si” um meio de se ver refletida como um “eu” que, inscrito na instituição literária, desloca-se em direção a um espaço social, a um lugar.

Os livros de Francisca, Cícera e Carolina têm em comum o fato de já nascerem com o fim preconcebido de publicação, possibilitado pelo fato de suas autoras receberem dos respectivos narratários de seus relatos orais orientações que determinaram modos de apresentação e de elaboração dos discursos. A patroa de Francisca, Ivna Duvivier, as feministas que apoiaram Cícera – representadas por Danda Prado – e os jornalistas que entrevistaram Carolina terminam por dividir a tarefa de subverter a tradição relativa à ilusão autobiográfica com relação a uma escrita espontânea e de autoria única.

No “diário de uma doméstica”, de Francisca, e no *Diário de Bitita*, de Carolina, o gênero, a rigor, não é o diário, mas a autobiografia, cuja escrita vai funcionar como um espelho em que cada narradora se mira para refletir as diversas faces que adquiridas de acordo com as fases que atravessam, desde as lembranças indistintas da infância.

Nas autobiografias de Francisca e de Carolina, a fragmentação do eu, ao contrário do que ocorre em uma escrita diária, não se coaduna à marcação do calendário, à exceção, no livro de Francisca, da data de seu nascimento, que, inaugurando a primeira frase do livro, marca a ilusão de origem – o começo da vida, o começo do livro – e das referências ao nascimento de alguns filhos. Em Carolina, a preocupação com as datas é ainda mais tênue, com vagas referências ao tempo da infância, à convivência com os familiares e à cidade natal. Em ambas prevalecem marcações vagas da passagem do tempo, travessia mal delineada em que o eu escrevente se esforça em perfazer as diversas máscaras da trajetória do eu escrito. Nas três narrativas, a estrutura é linear, demarcando uma organização textual que contradiz a

⁵LEJEUNE. *Autobiographies de ceux qui n'écrivent pas*, p.229. Este texto encontra-se hoje publicado no volume *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*, pela Editora UFMG.

espontaneidade das lembranças – que, como se sabe, não são regulares nem integrais quando irrompem à mente.

Francisca volta ao passado, calcando-o gradativamente a partir das primeiras lembranças, até encontrar o presente, numa clara tentativa de organizar metodicamente na escrita uma vida completamente desestruturada. A infância é marcada pela morte do pai, pelos abandonos sucessivos da mãe e seus subseqüentes retornos, pelos sofrimentos em diversas casas de pais adotivos; na adolescência, a tentativa de se dar existência, configurando um rosto bonito e um corpo de mulher ambicionado pelos homens; na maturidade, o desejo de se individualizar e se autogerir desvinculada de casamentos. De nenhuma dessas fases podem-se separar as diversas formas de violência física e psicológica sofridas. Pais, irmãos, patrões, maridos, filhos – em todas as circunstâncias de sua vida, as pessoas ligadas a Francisca vinculam-se antes à conjuntura de trabalhos humildes ou humilhantes, atrelados concomitantemente à luta pela ocupação de um espaço territorial e social.

A forma cronológica como Francisca expõe sua vida, à medida que guia o leitor até os episódios mais vis experimentados pela narradora, apresenta-lhe conjuntamente o desenvolvimento gradativo de um ser humano, cuja submissão aos aspectos degradantes vai configurando um rosto, rumo ao desejo de individualização. Na infância, após a morte do pai, Francisca é deixada pela mãe em casa de vários familiares, onde serve de criada, exercendo trabalhos acima de sua capacidade física. É o período de despersonalização quase total, quando Francisca passa a se sentir, ora como um objeto, ora como um animal. Sob a perspectiva do presente, a narradora relembra o encaminhamento à terceira família adotiva: “Minha roupa já estava pronta e eu fui com ela para a casa de minha futura dona. Dona porque era assim que eu hoje sinto: eu era um animalzinho sem valor.”⁶

O sentimento de nulidade vai como que moldando a personalidade de Francisca, que assim o exprime quando, mais tarde, vai solicitar licença médica para o segundo marido, um policial: “Eu andei como um robô. Aí olhei para todas as mesas – eram capitães, coroneis e majores, só isso eu vi à minha volta. Eu me senti tão pequena, tão nada.” (p.92).

A importância das sensações corporais na constituição da identidade do sujeito é um aspecto caro à Psicanálise, segundo a qual a noção de formação do ego liga-se ao narcisismo, cuja origem está na base das sensações corporais. Estendendo o entendimento de Freud sobre a questão, De Levita credita a ideia de identidade como extensiva à noção de ego. A identidade, assim, poderia ser entendida “como um sentimento que emerge do corpo, em sua existência física, muscular e visual”⁷. Sob o ponto de vista da procura de uma identidade é que se pode observar a percepção gradativa de Francisca relativamente ao seu corpo, lugar de montagem e encenação de um eu que se delinea para a narradora.

A riqueza da autobiografia de Francisca, paradoxalmente, reside também nas inúmeras contradições que expõe, pois está exatamente em exhibir, na narrativa, as fraturas de um sujeito que não se crê pleno. Em lugar de um sujeito inteiro, Francisca mostra um ser fragmentado em toda a sua fragilidade e seu incomensurável esforço para se recompor. A sensação de um eterno vazio talvez seja a razão para Francisca se dizer incompleta até em suas tentativas de dar existência e consistência a um eu, como se depreende de sua fala: “Nada, nenhum lugar para mim está bem. Eu me sinto infeliz, está sempre me faltando algo, e eu não sei o que é isto – desde pequena.” (p.122)

Ao dar por terminada sua autobiografia, Francisca não apresenta ainda nenhum retrato inteiro. Pelo contrário, o fim de sua história mostra a mesma cena de incertezas que pontuaram a dinâmica de sua vida após quatro casamentos, oito filhos e um aborto. De forma

⁶ SILVA.. *Ai de vós!*: diário de uma doméstica, p.25. O número das páginas das citações a este livro será indicado, doravante, no corpo do texto.

⁷ DE LEVITA citado por CHIARA em *Um homem no limiar*, p. 53.

coerente, trata-se da narrativa de uma vida sem clímax, cujos ápices são alcançados nos desfechos trágicos dos episódios narrados.

Feita essa leitura, encontramos-nos num impasse, pois se, como querem os estudiosos dos textos autobiográficos, as escritas da memória visam apresentar um sujeito íntegro, é mister perguntarmo-nos, portanto: para que escreve Francisca? Esta questão ficará em suspenso até a apresentação do *Diário de Bitita*, de Carolina de Jesus.

A semelhança entre as vidas de Carolina e de Francisca não se reflete apenas no que diz respeito à fome e à geral falta de solidariedade no trabalho humilde que desempenham, mas também à consciência do corpo como determinante de um estar no mundo.

A peregrinação de Carolina começa, ainda na infância, acompanhando a mãe nos trabalhos em lavouras ou nas casas de fazendas do Triângulo Mineiro. O trabalho, que se confira ainda hoje como escravo, não merece pagamento regular. Depois, jovem, não encontra trabalho em Sacramento, sua terra natal, pelo fato de ser, como afirma, negra e doente. Em busca de cura e trabalho, parte e retorna diversas vezes à cidade natal. Antes de partir definitivamente para São Paulo onde, 20 anos depois, escreveu o livro que projetou seu nome mundialmente, Carolina viajou a pé para Uberaba, Ribeirão Preto, Jardinópolis, Orlandia, Franca, e de novo a Ribeirão Preto e a Franca, sempre retornando a Sacramento. Em *Diário de Bitita* ela expõe o desprezo de seus conterrâneos, a indisposição dos parentes em acolhê-la, as prisões onde foi injustamente encarcerada. Assim ela metaforiza o lugar social que ocupava naquela fase da vida: “Para mim a minha vida era semelhante a uma pedra que eu não podia erguer.”⁸

É por meio do trabalho que Carolina expressa seu desejo de existir, isto é, de pertencer a um lugar por meio de seu trabalho, acreditando que “para ser alguém é necessário empregar o seu tempo exercendo qualquer profissão” (p.175). Por isso ela cuidava da cozinha onde exercia a função de ajudante “como se fosse um nicho de ouro” (p.198). Mas será apenas em São Paulo que Carolina expressará o seu desejo de reterritorialização: “Quem sabe ia conseguir meios para conseguir uma casinha e viver o resto de meus dias com tranqüilidade...” (p.203).

Semelhantes na violência e no abandono, os episódios descritos por Francisca e Carolina carregam em si o dinamismo de quem, a contragosto, aceita uma vida nômade, sempre mudando de casa, de emprego, de companheiros, em busca de um espaço próprio. Para narrar esses episódios que lhe afloram à mente, Francisca nega o aspecto masoquista da lembrança: “Era assim a minha vida: bebida, trabalho, recordações más... para que lembrar? Lembrar da lama dos porcos, da miséria, fome, vergonha, humilhação, para que?” (p. 108)

As preterições no texto de Francisco são um fenômeno discursivo bastante comum no ato de relembrar, quando o sujeito, manifestando pela linguagem, é por ela traído para constituir-se nela. Figura comumente adotada na oratória como meio de aliciar os ouvintes, essa denegação de Francisca liga-se ao processo sedutor de sua escrita, que, assim, inscreve retoricamente seu corpo na linguagem.

Tudo indica que o destino de misérias de Francisca terminou por obra de Ivna Duviver, já que, depois de terminada sua narrativa pretérita, mais três parágrafos são acrescentados, em que se apresenta uma nova personagem, em tudo diferente daquela que conhecemos nas 130 páginas anteriores. Trata-se de uma narradora pretensamente inteira, que apresenta ao leitor um desfecho, se não feliz, pelo menos favorável em relação à sua história:

Gosto de minha patroa – é como se eu fosse um ser esquecido, ou que ninguém via, só me viam como o propósito de explorar, é como se eu não

⁸ JESUS. *Diário de Bitita*, p.191. O número das páginas das citações a este livro será indicado, doravante, no corpo do texto.

existisse (...), e ela cuida de mim, foi a única pessoa que me deu bons conselhos e realmente me ajuda e me empurra pra a frente (...). Continuo a mesma, só que em parte mudei. (...), não sou feliz mas também não sou infeliz. Esta história da minha vida, que ela me fez escrever, poderá vir a ser talvez, quem sabe, a minha salvação. Queira Deus que assim seja. (p.131)

A sensação de inexistência antes de Ivna, assim como a visão de si como sujeito vem, portanto, por via desse encontro com a escrita de si. A patroa que induz Francisca a escrever sua história faz com que ela passe a existir para si e para os outros, porque se expõe para além da companhia da patroa, conforme ela mesma escreve na página final.

É a história de Cícera, narrada por ela a um grupo de mulheres e depois transformada em livro, que também transporta a narradora de uma fase de despersonalização para a de uma existência reterritorializada. A narrativa de Cícera se mescla à história de sua filha, violentada pelo padrasto e grávida aos 11 anos. Mas o começo da história não é, realmente, a história de Jacilene. Estendendo a si as consequências do acontecido com a filha, reiteradamente referenciado no relato, Cícera vislumbra a sua própria história: “Olha, minha vida dava para escrever um livro!...”⁹

O relato de Cícera converte-se num exercício alternado entre presente, passado e futuro, caracterizando o texto tão mais pontilhado de vazios quanto mais a narradora busca elementos pretéritos que a situem como sujeito no presente para que, a partir deste, possa vislumbrar alguma saída para o futuro, que se lhe prefigura aterrador. A crença na lembrança integral do passado converge o relato para as vias de reconhecimento de si, que toma forma por meio de sua condição de filha, esposa, mãe e operária. A filha predileta do pai, a esposa fiel, a mãe dedicada, a tecelã modelo vão (de)formando um rosto cicatrizado pelos castigos, sofridos em nome da continuidade de normas sociais que transgredira.

Contradizendo o destino de mulher preestabelecido pelas tradições familiares, Cícera pleiteia para si um destino individual, rompendo as ligações ancestrais de sua terra e mudando-se do Nordeste para o Rio de Janeiro. Nesse contexto, o trabalho será o meio que lhe proporcionará a manutenção de sua integridade, em meio a uma realidade desesperadora: “Adoro trabalhar na minha profissão” (p.93).

De modo semelhante ao exposto por Francisca em relação a Ivna, Cícera apresenta seu reconhecimento às mulheres que a ouviram, dando a elas a função de norteadoras de uma nova fase sua existência, alcançada por meio de seu relato de vida: “Meus agradecimentos (...) [às] minhas colegas feministas que vieram me ajudar quando estava nervosa e sem saber o que fazer. Depois que chegaram, conversamos muito. Comecei a me orientar e a compreender melhor a vida” (p.11). O que se pode verificar na simplicidade desses agradecimentos é mesmo uma tentativa de configuração de um *eu* pleno, que distingue Cícera das personagens que se encontram ao longo do relato. Como todo paratexto, elaborado após o texto, mas inserido nas páginas iniciais do livro, essas palavras esboçam um sujeito mais nítido no último item, ao se referirem “às colegas feministas”. Diferentemente dos agradecimentos anteriores, essa menção extrapola o teor geral de gratidão para esclarecer a importância da presença das ouvintes, dentre os quais se inclui a co-autora, na delimitação de um território da fala, com o texto da fala e o sujeito da fala. É quando, então, Cícera explicita a importância dessa fala, como proporcionadora da sutura de um *eu* que procurara se mostrar em vários graus de fragmentação e em suas inúmeras tentativas de recomposição.

A estuturação do relato na escrita possibilita ao leitor traçar um caminho linear da trajetória várias vezes enviesada de Cícera. Configuramos-lhe uma primeira tentativa de

⁹ OLIVEIRA; PRADO.. *Cícera, um destino de mulher*, p.45. O número das páginas das citações a este livro será indicado, doravante, no corpo do texto.

identidade a partir de sua lembrança da terra natal, quando desafia os costumes de toda a comunidade em nome de um desejo pessoal. Desterritorializada em sua própria terra, em decorrência da consciência da inalienação de seu desejo, reterritorializa-se no Rio de Janeiro, ao constituir novamente sua família junto ao novo companheiro. A sedução de sua filha pelo próprio padrasto torna a situar Cícera no espaço da desterritorialização afetiva, numa quase total desintegração. A possibilidade de se reintegrar, vislumbrada nas páginas finais da narrativa, é confirmada com o agradecimento às feministas e o reconhecimento explícito de que suas entrevistas foram fundamentais para Cícera começar a se "orientar e a compreender melhor a vida".

Há no *Fedro*, de Platão, uma passagem em que Sócrates narra a origem mítica da escrita. Thoth, inventor de jogos, apresenta a escrita ao rei Tamuz, representante do deus Amon, que deveria julgar a utilidade desse invento. Thoth define a escrita como um remédio, um auxiliar para a memória e o aprendizado. O rei, desconfiado dessa eficácia, inverte as qualidades do invento, tomando da palavra grega *pharmakon* o seu sentido inverso. Assim, a escrita seria mais veneno que remédio, porque, confiantes na escrita, os homens deixariam de exercitar a memória, ficando ainda mais esquecidos. A escrita serviria, pois, antes à recordação que à memória. Além disso, ao adquirir conhecimentos livrescos, os homens seriam sábios apenas na aparência, já que teriam adquirido um conhecimento exterior a eles e, portanto, falso.

Jacques Derrida, em *A Farmácia de Platão*, retoma o mito platônico para discutir o estatuto da escrita contra o privilégio da voz na tradição. Para isso analisa de que forma a "metafísica da presença" privilegia a presença imediata (a voz, o *logos*) como origem do pensamento, em oposição à ausência, e desqualifica a escrita em favor da fala. Assim, Platão coloca a escrita como simples simulacro, letra morta, refúgio dos que não têm o dom da palavra, do *logos*. Para ele, a escrita é uma arte artificial, enquanto memória auxiliar, mimética, porque reduplica a fala, imita a memória e o saber, podendo ser comparada à pintura; e oportunista, porque pode transmitir o pensamento de outrem sob pagamento.

Ao retomar o mito platônico, Derrida observa que a tradição da cultura ocidental repousa na falsa oposição entre fala e escrita. Do lado da fala estariam a espontaneidade, a naturalidade, a verdade, enquanto a escrita seria acompanhada da reflexão, do artifício, da falsidade e da representação. Entretanto, a partir de Saussure, a linguagem mesma é entendida como um sistema de oposições: tudo o que se diz implica distinção, recaindo numa escolha contextual implícita a todo falante da língua. A complexidade, portanto, pertence a toda linguagem, inclusive à fala. Assim, Derrida dessacraliza o mito da verdade imediata do falante e da falsidade intrínseca de quem escreve.

A publicação das narrativas de Carolina de Jesus, Francisca da Silva e Cícera Fernandes de Oliveira remontam às questões acima aludidas porque, primeiramente, remete à capacidade dessas mulheres de narrar oralmente, já que primeiro relataram suas experiências àqueles que viriam a ser seus agenciadores. Em seus textos prefaciais, eles chamam a atenção para a capacidade de narrar dessas mulheres, já se referindo à escrita. Mas a capacidade de narrar, como observava Benjamin, é fruto da experiência,¹⁰ e esta, parece, foi reconhecida primeiramente em sua oralidade pelos prefaciadores.

A transformação dessas narrativas orais em escritas, porém, malgrado o reconhecido poder de narrar dessas mulheres, visaram primeiramente ao aspecto social, querendo chamar a atenção de um número maior de pessoas para aquelas misérias que se desenrolavam "ao vivo". Nenhum dos agenciadores, embora reconheçam o valor da narrativa como obra,

¹⁰ Cf. em BENJAMIN. O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov.

consideram-na incluída no campo literário. Mas no discurso prefacial está implícita a convicção desse valor. O que, então, distinguiria os textos dessas autoras como atos literários?

Essa pergunta, que pode ser traduzida sob a forma da questão que incomoda, há anos, tantos teóricos e escritores – "O que é Literatura?" –, daria origem às considerações de Roland Barthes sobre as fronteiras do literário. Barthes termina por admitir que todas as ciências estão presentes no monumento literário, pois a Literatura "é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real", e propõe um paradigma que não oponha as Ciências às Letras, os cientistas e pesquisadores aos escritores e ensaístas. Onde quer que se encontrem, para que as coisas se tornem o que são, seria necessário o "sal das palavras", isto é, aquilo que lhes daria o "verdadeiro sabor".¹¹

Barthes, assim, dessacraliza a literatura, situando-a num lugar de onde se podem reconhecer os saberes e as forças da Literatura. Essa nova responsabilidade se inclui no reconhecimento do poder como plural: os poderes estão em todo discurso que engendra o erro e em quem o recebe. Por isso, aos intelectuais reserva-se a responsabilidade de combater os poderes, que se insinuam plurais no espaço social e perpétuos no tempo histórico. O poder de sobrevivência dos poderes deve-se ao fato de eles se inscreverem na linguagem, através da língua, seu meio de expressão obrigatório.¹²

Foram esses poderes, certamente, que permitiram que o registro de vida de Carolina, Cícera e Francisca chegasse até nós. Primeiramente através da fala, o discurso dessas mulheres penetrou a sensibilidade de seus agenciadores, que acabaram por acionar os meios para registrá-los. Transformar seus depoimentos em escrita e acondicioná-los em objetos comercializáveis pressupõe outros poderes. Mas o poder da palavra, o toque inicial desse processo que nos chega depurado, é o mesmo que possibilitou a essas mulheres a visão de seu universo individual e social, em que se reflete o nada que elas representavam até que vissem refletidos o seu *eu* inscrito no universo literário.

Não se pode negar também que, ao perfazer o esboço de vida que o gênero memorialístico permite, essas narradoras estão fazendo cruzar outros trajetos semelhantes. Sua vida escrita traça uma espécie de mapa em que interagem os sistemas individual e social de outras vidas semelhantes. Como observa Maria José Mota Viana, a propósito das memórias de mulheres:

Por mais egocêntrica ou narcísica que seja, a dramatização escrita da experiência pessoal de vida estará encenando, mesmo que inadvertidamente, fatores externos interativos na conformação da subjetividade de cada um e, num palco mais amplo, na conformação da sociedade, com sua história e com os valores culturais que a constituem.¹³

Em outras palavras, mesmo traçando um percurso egocêntrico, o contexto psico-sócio-político em que se encontram podem ser detectadas na escrita. É nesse sentido que o resgate literário dessas autobiografias pode oferecer uma nova dimensão do valor social dessas narrativas, não como uma representação da realidade, mas como um espaço em que a memória prefigura a ficção e a história. Desse ponto de vista, acredito também que este estudo estará ampliando as possibilidades de pesquisa da evolução do papel da mulher na sociedade. Dessa forma, podemos atribuir à Literatura uma outra força, além daquelas relativas ao seu engajamento com a língua: a de resgatar, através da escrita, o ser individual do nada social.

Logicamente esse atributo da Literatura não está vinculado apenas à escrita da mulher, mas a de uma camada mais ampla, constituída por homens e mulheres da faixa

¹¹BARTHES. *Aula*, p.19.

¹²BARTHES. *Aula*, p.12.

¹³VIANA. *Do sótão à vitrine*: memórias de mulheres, p.152.

economicamente mais pobre da população. Prova disso é publicação, em 1993, de *Babilônia - poemas de um menino de rua*, de Humberto de Jesus dos Santos, que traz apresentação de Aristides Junqueira, atual procurador-geral da República. Outro lançamento quase simultâneo é o livro autobiográfico de José Carlos dos Santos, *Relatos, retratos e verdades*, também adolescente, que vive sob as mesmas condições de Humberto. Não cabe expor aqui sobre o que escreveram esses rapazes, mas deve-se ressaltar que, como lemos em Carolina de Jesus, Cícera Fernandes e Francisca da Silva, ambos acreditam no papel transformador da Literatura e afirmam que a escrita os livra de muitos sofrimentos.

Essas publicações aparentemente possuem em comum com as escritas aqui analisadas o fato de não terem qualquer motivo que impulsionasse o seu início. Característica dos novos tempos, talvez, esse dado vem contrariar as perspectivas de estudos recentes sobre o gênero autobiográfico, no entender de Wander Miranda:

Parece não haver motivo suficiente para uma autobiografia, se não houver uma intervenção, na existência anterior do indivíduo, de uma mudança ou transformação radical que a impulsiona ou justifique. Se a mudança não afetou diretamente a vida do narrador, a matéria apta a tornar-se objeto de uma narração limitar-se-ia à série de eventos exteriores, mais condizentes à efetivação do que Benveniste chama de 'história', que prescinde de um narrador em primeira pessoa. Ao contrário, a transformação interna do indivíduo provocada por eventos externos proporciona material para uma narrativa que tem o *eu* como sujeito e como objeto, sendo que importância da experiência pessoal, aliada à oportunidade de oferecer o relato dela a outrem, estabelece a legitimidade do *eu* e autoriza-o a tomar como tema sua existência pretérita.¹⁴

Obviamente que a citação acima, se se aplica a memórias de autores renomados, deixa de ser verdadeira quando observadas as autobiografias aqui estudadas. Não há nenhum grande feito que as justifique. O que há de mais notável, neste caso, é o poder catártico do ato de escrever, é a reciprocidade estabelecida pela escrita do *eu*, em que o escritor, ao se fazer ver para um destinatário, acaba por enxergar sua própria face.

Por essas razões, o que mais se sobressai do inferido aqui é que essas escritas, aparentemente tão destituídas de atributos literários, despretensiosamente acabam por subverter a noção institucionalizada do gênero memorialístico em todos os meandros de sua produção. E, assim, deixam de ser memórias de marginais para constituírem, talvez, um subgênero a que poderíamos denominar, num gesto ulterior de revisão de *memórias marginais*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. *Aula*. Trad. Leyla Perrone-Moysés. São Paulo: Cultrix, [s.d.].

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 3. ed. Trad. Sergio Paulo Rouanet. Pref. Jeanne-Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987, p.197-221.

CHIARA, Ana Cristina de Rezende. *Um homem no limiar: sobre a morte na obra de Pedro Nava*. Rio de Janeiro: PUC, 1989. (Dissertação, Mestrado em Literatura Brasileira)

¹⁴MIRANDA. *Corpos escritos*, p.31.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. O que é uma literatura menor? In: *Kafka: por uma literatura menor*. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977, p. 25-42.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. O que é um agenciamento? In: *Kafka: por uma literatura menor*. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977, p.118-127.

DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. Trad. Rogério da Costa. São Paulo: Iluminuras, 1991.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: *O que é um autor?*. Trad. António Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro. Pref. José A. Bragança de Miranda e António Fernando Cascais. Lisboa: Vega, 1992, p.89-128.

JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 6.ed. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1960.

JESUS, Carolina Maria de. *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada*. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1961.

LEJEUNE, Philippe. Autobiographies de ceux qui n'écrivent pás. In: *Je est un autre: l'autobiographie, de la littérature aux médias*. Paris: Seuil, 1980, p.229-316.

MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1992.

OLIVEIRA, Cícera Fernandes de; PRADO, Danda. *Cícera, um destino de mulher: autobiografia duma imigrante nordestina, operária têxtil*. São Paulo: Brasiliense, 1981..

OLIVEIRA, Silvana Maria Pessoa de. *Réquiem para um sujeito: a escrita da memória em Boitempo*, de Carlos Drummond de Andrade. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 1991. (Dissertação, Mestrado em Literatura Brasileira)

PERPÉTUA, Elzira Divina. *Solos e litorais da escrita: uma leitura de memórias de marginais*. Belo Horizonte: PUC-MG, 1993. (Dissertação, Mestrado em Literaturas de Língua Portuguesa).

PERPÉTUA, Elzira D. *Traços de Carolina de Jesus: gênese, tradução e recepção de Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus. Belo Horizonte: UFMG, 2000. (Tese, Doutorado em Estudos Literários).

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Francisca de Souza da. *Ai de vós! diário de uma doméstica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983. 131p. (Coleção Vera Cruz, 351)

VIANA, Maria José Motta. *Do sótão à vitrine: memórias de mulheres brasileiras*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1993.